

A COEXISTÊNCIA DO PROFESSOR E O PROCESSO TECNOLÓGICO

Adriana Santos Auzani (1); Denise Maria Bueno Ponzoni (2)

(1)Professor Mestre em Educação, Cursos de Tecnologia em Sistemas de Informação, em Gerência de Obras e em Controle de Processos Químicos, UTFPR – Campus Pato Branco. (2)Professor Mestre em Educação, Curso de Ensino Médio, UTFPR – Campus de Pato Branco.

auzani@utfpr.edu.br; denise@pb.cefetpr.br;

Resumo - O artigo traz reflexões sobre a presença do professor no ambiente escolar. Num primeiro plano, o texto apresenta a falta de posicionamento político diante das deficiências básicas e o resultado disso na educação. A partir daí, faz-se uma breve análise da coexistência do professor junto à evolução tecnológica.

Palavras-Chave - educação – professor – economia - tecnologia

A COEXISTÊNCIA DO PROFESSOR E O PROCESSO TECNOLÓGICO

1. INTRODUÇÃO

Tecnologia de ponta, cibernética, mundo virtual. Palavras de ordem de nosso tempo. Imagens futuristas, bate-papos virtuais, músicas computadorizadas, movimentos, outrora, inimagináveis, apresentam-se frente aos olhos do homem moderno. Nesse contexto, situamos o professor, um ser que se indaga a respeito de seu papel num futuro próximo. Indagações estas que fazem referência ao convívio de pólos aparentemente distantes e diferentes como é o caso do professor e da tecnologia avançada, pois o professor, em algumas situações, é tido como um profissional impotente e limitado diante de todo esse processo tecnológico.

Por isso, pergunta-se: Existe entrosamento entre o arsenal tecnológico atual e o trabalho dos profissionais do conhecimento?

Professor, um ser humano que está aí pronto a contribuir de forma decisiva com o avanço da humanidade. O meio social o considera um homem com funções comuns, sem novidades nem botões extragalácticos. Com a dimensão dos seus sentidos, com a inteligência humana e criatividade, tenta aproximar dois mundos distintos: o das redes interativas (símbolo do avanço tecnológico) e o que contém o mecanismo primeiro de aquisição do conhecimento – a fala (símbolo de interação humana); pólos antagônicos, por vezes paralelos, mas que na interação aluno-professor tornam-se possíveis de acontecer, uma vez que, no ambiente escolar, essas duas realidades se aproximam e convivem lado a lado.

1.1. Organização do trabalho

No presente trabalho, para proporcionar uma reflexão a respeito da presença do professor diante da amplitude tecnológica

que o envolve, iniciaremos com a posição de Vale (1997) a respeito das carências básicas existentes no contexto nacional para, a seguir, fazer a relação entre economia e educação.

Na seqüência, apresentaremos a posição de Arroyo (1995) a respeito da formação do professor. Observaremos que o sociólogo apresenta a causa do fracasso escolar e uma possível solução para o sucesso da educação.

No decorrer do artigo, ressaltaremos a falta de posicionamento político diante das deficiências básicas, a qual traz conseqüências graves para a educação do país. Nesse contexto, evidenciaremos que a formação e o trabalho do professor continua e continuará, por um bom tempo, apenas com giz, lousa e saliva, sem aparatos tecnológicos atualizados, sofrendo o descaso até mesmo da própria sociedade.

Pretendemos ressaltar, ainda, que essa sociedade, por sua vez, não percebe que as ações políticas a distanciam da peça fundamental da educação de um povo: o professor.

Pretendemos, inclusive, chamar a atenção para a importância de se refletir a respeito do papel do professor na sociedade contemporânea, no que diz respeito à importância do investimento em capital humano para o desenvolvimento de uma nação.

2. A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA NA EDUCAÇÃO

Acompanhar a evolução tecnológica em um mundo interligado pela economia globalizada pede entendimento, conhecimento do contexto do qual se faz parte. Mas, segundo Vale (1997, p.20), há muitas carências existentes no contexto nacional. Essas carências fazem parte das necessidades básicas do indivíduo. Sem o atendimento delas, a população continuará num estado de miséria, indigência e pobreza; a cultura do povo continuará comprometida, sem chance de ascender à dignidade humana e subordinada a uma cultura dominante focada na contrapartida do lucro e alheia ao investimento no capital humano.

Em termos de urgência, a alimentação, a moradia, o emprego, a saúde e a educação escolar se alinham como os principais bens

sociais que o povo reconhece como prioridades sociais; (...) sem instrução significativa que beneficie a todos fica difícil pensar numa sociedade equilibrada e menos desigual (Vale, 1997, p.20).

Nesse contexto, segundo Mercadante (Vale, 1997), há uma escassez em nosso país de uma elite que realmente o dirija e tenha horizonte histórico. Além disso, afirma que no novo contexto mundial exige-se economias fortes e competitivas; para isso, a formação das pessoas passa a ser decisiva e a instrução assume uma dimensão estratégica. Sem isso, o economista afirma ainda que, nenhum país “poderá atingir níveis razoáveis de desenvolvimento que permita a convivência com um padrão de vida aceitável e digno para todos”.

Tudo indica que esse quadro de penúria vai continuar articulando a sociedade política e a sociedade civil brasileira, pois há um certo espanto, um estranhamento com a falta de capacidade do Brasil em resolver seus problemas, além de contrapor tecnologia avançada às necessidades básicas não atendidas.

O problema da América Latina está na sua origem histórica. (...) O Brasil, por exemplo, desde o descobrimento nunca teve uma elite criativa e pragmática, comparável à geração de George Washington e Thomas Jefferson nos Estados Unidos, gente capaz de organizar o país e direcioná-lo. Uma solução para melhorar o que está estragado é investir na educação. A educação permite a liberdade de idéias e o progresso. (Johnson, *Veja*, p.11, 2006)

Para tanto, é mais do que necessário vontade e disposição política para (re)construir a escola pública brasileira.

3. APENAS UM GIZ

A tecnologia avançada coexiste com o mais antigo instrumento de trabalho do professor: o giz. Por outro lado, a relação pedagógica em todos os níveis de escolaridade, segundo Sodré (2002, p.96), sofreu alterações importantes devido à mudança do paradigma dominante e às novas formas de organização do trabalho.

Intimidade digital do ciberespaço, videoconferências, telepresenças, robótica, realidade virtual, menus eletrônicos, CD-ROMs são palavras de ordem no mundo tecnologicado que revelam momentos novos e prioritários, ricos em possibilidades de trabalho e bem estar social. Esse mundo envolve, principalmente, a economia, as profissões e os negócios e valoriza o indivíduo criativo, que tenha conhecimento e saiba compartilhá-lo. É nesse contexto que está o “trabalho do professor enquanto guia de uma relação interpessoal (e política) com o estudante” (Sodré, P.98, 2002).

À primeira vista, parece que os professores perderam suas funções de transmissores e construtores de conhecimentos. As profundas mudanças que estão se processando na sociedade dão a impressão de que eles são dispensáveis e podem ser substituídos por computadores e outros equipamentos tecnológicos, através dos quais o educando adquire conhecimento. Todavia, quando se buscam mudanças efetivas na sala de aula e na sociedade, de imediato se pensa no mestre tanto do ponto de vista didático-pedagógico quanto político. Não se dispensam as tecnologias, pelo contrário, exige-se, cada vez mais, sua presença na escola, mas como meios auxiliares e não como substitutos dos professores. (Gasparin, 2002, p.01)

Refletir sobre o futuro do professor brasileiro diante das deficiências básicas e da evolução tecnológica no mundo globalizado exige cautela ou no mínimo bom senso, pois sem decisão política e autonomia é utópico transformar o meio educacional. A história de nossa educação apenas reforça a dimensão política e social que esteve (e está) presente no processo educativo. No entanto, isso não exige a função do professor de sua missão maior que é a de educar o homem no sentido mais amplo da palavra, ou seja, inseri-lo no meio social, como cidadão consciente de seu contexto histórico. Entretanto,

Não há dúvida de que se impõe repensar o estatuto do professor em função das flutuações características da nova ordem cibernética. (...) Impõem-se sobretudo redefini-lo em sua função de filtro do conhecimento e da informação, aprofundar o seu potencial técnico de hibridização das fontes informativas (aí se vê uma marca de paradigma analógico) no espaço das novas redes, assim como adequá-lo à cultura hipertextual que

tende a relativizar tanto a hierarquia seqüencial das disciplinas quanto dos “graus” (primeiro, segundo e terceiro) de comunicação do saber. Cabe ao professor liderar o trabalho de integração dos saberes no espaço curricular da escola. (Sodré, 2002, p.101)

3.1. SE O PROFESSOR NÃO ESTÁ, A ESCOLA NÃO HÁ...

Novo milênio. A falta de atendimento às necessidades básicas da população, o papel do professor perante a revolução tecnológica e os avanços espetaculares da comunicação causam impactos diretos nas novas concepções e paradigmas presentes nas mais diversas áreas sociais. Esse aparente descompasso, não só estão fortemente interligadas como também estão perfeitamente sintonizadas em uma nova perspectiva e urgência educacional. Nesse sentido, a formação profissional do professor é imprescindível, pois ele é peça central desse processo; não há máquina que o substitua, não há máquina que efetive as relações humanas. Para tanto, diante desse universo de contraposições, parece que o professor ainda não encontrou a direção, o caminho que lhe ofereça segurança no saber exigido atualmente.

As dificuldades são muitas, começam desde a formação do professor até o momento em que este passa a ministrar as suas aulas. A sua atuação, muitas vezes considerada inoperante, é essencial para o processo de desenvolvimento tecnológico.

Arroyo (1995) afirma que há uma série de mitos no meio educacional que são aceitos pela sociedade com a maior naturalidade; entre eles: no dia em que tivermos educadores mais qualificados, teremos resolvidos os problemas da educação. O sociólogo afirma ainda que está (sempre) presente no discurso político frases do tipo: “Se prepararmos o professor teremos resolvido o fracasso escolar”; conseqüentemente uma política de capacitação de recursos humanos será prioritária na nova administração.

Assim, transfere-se parcela da culpa pelo fracasso escolar à formação do professor. Vários estudos já foram realizados apresentando esse enfoque. Arroyo (1995) salienta ainda que nos cursos de formação de profissionais do ensino o enfoque é tecnicista e psicologizante, por isso, se houver a redefinição dessa concepção, o fracasso escolar poderá ser resolvido e, com isso, haverá possibilidade de se redefinir a função social da escola. para dizimar a atual desqualificação desse profissional da educação, é necessário um preparo profissional esboçado na seriedade e criticidade, com a finalidade de criar, finalmente uma

identidade social brasileira em prol da educação pública e, por que não, popular.

Reforça-se aqui a disposição política para que isso aconteça, pois “enquanto os países de ponta chegam perto da clonagem humana, nós ainda não conseguimos alfabetizar nossas crianças” (Ioschpe, 2006, p.29).

3.2. PROFESSORES E TECNOLOGIA: OS DOIS LADOS DA CONVIVÊNCIA

Computador. Será ele um aliado do professor ou um matador impiedoso? O computador pode ser um grande aliado no campo educacional, por outro lado, segundo Brunner (*in* Sodré, 2002, p.106) “o princípio educativo moderno é a escola como tal, não os suportes preferenciais que ela usa para inculcar conhecimento”.

O computador, a televisão, o DVD e tantos outros equipamentos são apenas complementares às aulas, são recursos didáticos que enriquecem o fazer e o aprender dos professores e alunos. O planejamento do trabalho do professor é voltado para seres humanos, e boa parte das decisões aí implicadas, como afirma Jimenez (Costa, 1995, p.15), “são tarefas inalienáveis do professor”. Isso diferencia o trabalho do professor com o trabalho na produção industrial, onde os equipamentos realmente estão substituindo o trabalho humano. Tem-se na tecnologia, assim, uma aliada quando ela é um instrumento capaz de minimizar os abismos sócio-educacionais no sentido de tornar as pessoas mais curiosas de sua existência.

O professor talvez não possua tantos atrativos quanto o computador, entretanto é alguém de sentimentos semelhantes aos dos alunos e, portanto, com a capacidade de entender suas ansiedades, satisfações e sonhos que convivem juntamente com todos os seres humanos.

Se por um lado observamos que existem verdadeiras máquinas de ensinar, por outro há falta de escolas e atendimento básico a um número cada vez maior de pessoas. Há contrastes em nosso contexto nacional, que nos faz refletir a respeito do desempenho de cada um de nós, professores.

Muitas críticas são feitas à escola tradicional, considerada mera transmissora de conteúdos estáticos, de produtos educacionais ou instrucionais prontos, desconectados de suas finalidades sociais. Se isso é verdade, deve-se lembrar que a escola, em cada momento histórico, constitui uma expressão e uma resposta à sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, ela nunca é neutra, mas sempre ideológica e politicamente comprometida. Por isso, cumpre uma função específica. Pode ser que a escola, hoje, não esteja acompanhando as mudanças da sociedade atual e por isso deva ser questionada, criticada e modificada para enfrentar os novos desafios. (Gasparin, 2002, p.1-2)

Reformas educacionais surgem e ressurgem a cada constatação de deficiência do sistema escolar, mas há um esquecimento, por parte da liderança política brasileira, em observar que as reformas escolares só poderão ser bem sucedidas se as escolas forem vistas em seu próprio ambiente, sem isso, nenhuma reforma será bem sucedida, mesmo que seja bem intencionada.

... o fato de que a aprendizagem não é jamais pura transmissão, e sim a socialização de um saber, portanto a experiência de uma relação entre indivíduos concretos (Popkewitz, 1997, p.21)

4. TECENDO UM AMANHÃ

Por mais rudimentar que pareça, concluímos nossa reflexão com linha e agulha, tal qual o apólogo de Machado de Assis; ambas, agulha e linha, como a educação e a tecnologia, cosem tecidos; um que veste as pessoas no que diz respeito à cultura e ao conhecimento; o outro, o social, que envolve essas mesmas pessoas como um todo. Ambos são confeccionados pelas mais diferentes mãos e idéias, ambos, embelezam, enriquecem e dão identidade ao sujeito na construção da história. Portanto,

a aprendizagem não é jamais pura transmissão, e sim socialização de um saber, portanto, a experiência de uma relação entre indivíduos concretos. Na experiência de oscilação ou de conversibilidade entre os dois pólos da relação, emergem a diferença e o novo. (Sodré, 2002, p.99)

Assim, professor, aluno, tecnologia, e tudo mais que os envolve no contexto social (e educacional) estão bem próximos. Fica-nos a certeza de que um não desaparecerá em função do outro, porque atrás de todo aparato tecnológico há sempre o homem com sua energia natural que se funde à energia das máquinas.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa; os homens se educam entre si mediados pelo mundo”, afirma Freire (1988, p.63). Partindo dessas palavras, é que nos colocamos de forma permanentemente reflexiva com relação ao nosso comprometimento enquanto professores educadores e cidadãos ativos engajados na realidade como um todo, inclusive na tecnológica.

5. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Quem de-forma o profissional do ensino? **Revista de Educação AEC**, Brasília, v.58, p.7-15, 1985.

COSTA, M. Trabalho docente e profissionalismo. Sulina: Porto Alegre, 1995 p.83-136.

FREIRE. P. Pedagogia do oprimido. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1988.

IOSCHPE, G. Falência da educação brasileira. **Veja**, n. 29, p. 204, 26 jul 2006.

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. Autores Associados: Campinas, 2002 p. 1-11.

O motor do mundo. *Veja*, n. 25, p.11, 28 jun 2006.

POPKEWITZ, T.S. Reforma Educacional. Uma política sociológica. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997.

SODRÉ, M. Antropológica do espelho. Uma teoria de comunicação linear e em rede. Vozes: Petrópolis, 2002.

VALE, J. M. F. do. Educação Urgente: para quê? Nuances, v.3, 1997 p.20-22.